

# REVISTA ECO-PÓS

<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/index>



---

## Os Diversos Brasileiros em Revista

Marta Regina Maia

*Revista Eco-Pós, 2010, v. 13, n. 3, pp 213-229*

A versão online deste artigo está disponível em:

<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/issue/view/25>

---

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

### Informações adicionais da revista Eco-Pós

sobre: <http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/about>

e-mail: [ecopos.ufrj@gmail.com](mailto:ecopos.ufrj@gmail.com)

### Política de Acesso Livre

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização do conhecimento.

## Os Diversos “Brasileiros” em Revista

Maria Regina Maia<sup>1</sup>  
UFOP



### RESUMO

Este artigo parte de um diagnóstico que evidencia certa gramaticalização do processo de produção da reportagem, cuja narrativa convencional, muitas vezes, contribui para a esquematização dos fenômenos sociais, traduzidos sob uma ótica instrumental, em que a rotina profissional acaba incorporando certo círculo vicioso de fontes e lugares sempre recorrentes, que corroboram esta visão. Pretende-se então discutir a produção da narrativa jornalística realizada pela revista Brasileiros, que busca alterar este discurso vigente, propondo-se a romper com a tradicional cobertura do eixo Rio-São Paulo-Brasília, triângulo preferido de cobertura dos meios de comunicação, ampliando também as fontes utilizadas, contribuindo assim para a humanização do processo de apuração das reportagens.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo • Fontes • Reportagem • Revista Brasileiros

Algumas padronizações e técnicas impostas à prática jornalística, nas últimas décadas, ajudaram a criar um campo de produção profissional que de certa forma contribuiu para o aprimoramento de todo o processo. Entretanto muitos procedimentos adotados levaram também a burocratização do trabalho cotidiano em determinadas situações.

A análise de macroambiente, cuja condição de desenvolvimento capitalista transformou a informação em mercadoria, associa assim a notícia ao

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta e Coordenadora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutora em Ciências da Comunicação - Jornalismo, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Líder do Grupo de Pesquisa certificado pelo CNPq “Linguagem, narrativas e recepção. Coordenadora do Projeto de Extensão “Leitura crítica das produções midiáticas e escolares”.

aspecto da audiência e vendagem, propiciando assim narrativas rubricadas como espelho do real, mas que são produzidas com a necessária garantia, ao menos para as empresas jornalísticas, de que atrairão a atenção do receptor<sup>2</sup>. Neste contexto, o jornalismo também cria uma cultura profissional que incorpora em sua rotina a utilização de certo círculo vicioso de fontes e lugares sempre recorrentes. Resultado de uma relativa acomodação por parte de alguns profissionais, mas situação ocasionada também pela falta de investimento das empresas, que não oferecem condições adequadas para a produção de reportagens em profundidade.

Esta zona de conforto que acabou sendo criada, entretanto, enfrenta as turbulências das fronteiras que são muito tênues em um mundo globalizado. O advento das novas tecnologias no ambiente comunicacional dissemina uma gama muito grande de informações o que leva os próprios meios de comunicação a reverem suas atitudes, já que o receptor tem mais opções de acesso. Se no espaço da internet, entretanto, o fluxo é mais plural, no campo dos meios impressos a situação não é muito alentadora, especialmente no caso das revistas semanais e mensais.

O Brasil conta com uma revista semanal considerada uma das maiores do mundo, que é a *Veja*, seguida de algumas outras publicações de grande expressão como a *Época*, *Carta Capital* e *IstoÉ*, alinhadas ao tipo de cobertura mais geral dos meios convencionais. Ao tratar o leitor, na maior parte das vezes, somente como consumidor, perde-se a noção da narrativa mais amplificada, mais humanizada inclusive. O diagnóstico da atual produção jornalística portanto, não é muito positivo, mas comporta a presença de experiências inovadoras, como é o caso da revista *Brasileiros*.

Lançada em julho de 2007, a revista, com periodicidade mensal, propõe-se a alterar um pouco este rápido cenário descrito anteriormente. Com o slogan: “Todas as histórias que valem a pena contar”, a revista tem como propósito “produzir reportagens de fôlego” e divulgar “notícias que vão muito além do eixo São Paulo-Rio-Brasília”. O objetivo deste artigo então é verificar se tais objetivos, em um período que engloba 12 edições da revista, foram alcançados.

---

2 O termo aqui usado refere-se de maneira genérica aos leitores, telespectadores, ouvintes e internautas.

A metodologia de análise apresenta aspectos tanto quantitativos, quanto qualitativos, pois buscará observar qual a frequência e quais as fontes utilizadas nas matérias, qual o recorte geográfico utilizado pela publicação e ainda o processo de humanização da apuração, dado que o próprio slogan inicial indica esta possibilidade.

A análise desta experiência justifica-se, em certa medida, pela necessidade de criação de um quadro mais amplo da produção jornalística brasileira, pois é possível mostrar que no âmbito da sociedade capitalista algumas brechas, mesmo que episódicas, possibilitam experiências não convencionais. Se a crítica da mídia se pautasse somente pelo aspecto negativo das produções seria um sinal de que a realidade é monolítica, sem espaço para contestações, o que não parece ter sustentação em um ambiente relativamente democrático.

Ao realizar a discussão sobre o “acontecimento” relacionado ao campo jornalístico, Muniz Sodré (2009), por exemplo, cita a revista *Piauí*, criada em 2006 por João Moreira Salles, como uma iniciativa atípica, “concebida na contramão da oferta de notícias de última hora ou de assuntos segmentados”, como uma “possibilidade de uma boa narrativa” (2009, p. 53). Neste mesmo sentido, é possível refletir sobre a revista *Brasileiros*, que, ao fugir da noção espaço temporal do “aqui e agora”, trabalha à margem da opacidade que permeia o campo jornalístico atual.

### **De quem o jornalismo depende**

Ao discutir a polêmica sobre o “fim da história”, Eric Hobsbawm faz uma generalização que pode ser extensiva ao jornalismo: “enquanto houver raça humana haverá história”. (1995, p.16) Traduzindo para a área esta máxima, é possível afirmar que o jornalismo não prescinde das pessoas, ao contrário, necessita em demasia desta relação. A função jornalística é essencialmente relacional, o tempo todo o jornalista pede algo para alguém.

A prática jornalística necessita das fontes para a produção diária das informações que alimentam o fluxo das palavras, sons e imagens em todas as

mídias. Como estas podem ser documentais e pessoais, há de se considerar a importância deste último elemento para esta rotina profissional.

A valorização das fontes pessoais não significa atrelamento incondicional aos seus depoimentos, já que as informações passadas pelos meios de comunicação não são um espelho do real, ao contrário, são uma representação deste. Se a realidade, portanto, é uma construção e as fontes servem para ajudar a criar as versões que serão veiculadas, é preciso atentar para o aspecto polissêmico da contemporaneidade. Se o jornalista escutar sempre as mesmas e repetidas fontes estará reproduzindo somente uma das versões relatadas, entretanto a realidade é bem mais complexa do que possa parecer. Neste sentido, é interessante o depoimento do jornalista Ryszard Kapuscinski:

Vivi na África durante vários anos (...) Viajei muito. Evitava os caminhos oficiais, palácios, pessoas importantes e a alta política. Gostava de viajar de carona em caminhões, peregrinar com os nômades pelo deserto, me hospedar com os camponeses das savanas tropicais. (2002, p.7)

Esse estar no espaço e tempo próprios da esfera social baliza a atuação profissional de quem consegue romper com os cânones atuais do jornalismo. Por isso, antes de prosseguir, entretanto, é preciso avaliar os limites da atuação profissional nos marcos da contemporaneidade. É sabido que o desenvolvimento industrial e tecnológico transformou a notícia em uma mercadoria rentável, que hoje, inclusive, segue na esteira do entretenimento. Neste processo é preciso considerar que as empresas de comunicação primam pelo lucro, relegando, muitas vezes, o aspecto de interesse público da informação para segundo plano. Muitas pautas, portanto são produzidas com uma forte carga político-ideológica, ou como em outros casos, com um forte componente sensacionalista, voltado essencialmente para a vendagem. Entretanto, na lógica deste trabalho, é possível, em algumas situações, romper com esta tentativa de padronização do real pela notícia e realizar a construção social dos sentidos de uma maneira mais plural, por intermédio não só da voz do lucro e da voz dos valores-notícia de seleção como a *notoriedade* e a *violência*<sup>3</sup>, mas também por meio de outras vozes existentes no interior da

---

<sup>3</sup> Nelson Traquina (2005) ainda considera como valores-notícia de seleção (critérios substantivos), a *morte*, a *proximidade*, a *relevância*, a *novidade*, o *tempo*, a *notabilidade*, o *inesperado*, a *infração*, o *escândalo*.

sociedade.

O ambiente interativo gerado pela Rede Mundial de Computadores, intensificado a partir da chamada web 2.0, que ampliou a participação dos cidadãos no processo comunicativo gerado por este espaço público multidirecional, cria algumas condições de superação da emissão e recepção a partir de um único pólo, estabelecendo-se novas configurações de relações sociais. Portanto se o receptor tem a possibilidade de também veicular e não só receber informações por que, em geral, o diagnóstico dos meios de comunicação aponta para um certo “fontismo”, cuja constância das mesmas fontes é recorrente? Questão cuja resposta é paradoxal, pois o desenvolvimento tecnológico proporciona inúmeros recursos e possibilidades, entretanto o ambiente empresarial que perpassa as redações tem o lucro como objetivo e acaba desprezando pautas que levam em consideração especialmente o caráter público do jornalismo.

Outro aspecto que merece a devida atenção é levantado por Nilson Lage (2001), que aponta a especialização das fontes na atualidade. Ele relata que até a Segunda Guerra Mundial as fontes do jornalismo não contavam com uma preparação específica. Isto começa a ocorrer quando as assessorias de imprensa, depois assessorias de comunicação, articulam-se de maneira sistematizada, contando com aparato profissional que serve inclusive para questionar a veracidade do que é veiculado. A práxis profissional passa a contar então com assessorias que se esforçam para “plantar” nas redações as suas versões sobre os fatos.

Passando agora do diagnóstico para a análise, é preciso classificar os tipos de fontes existentes para depois avaliar, por intermédio de algumas reportagens da revista *Brasileiros*, como este processo ocorre. A partir das referências de Nilson Lage (2001), é possível classificar as fontes em *oficiais*, aquelas ligadas ao poder executivo ou entidades e associações, as *oficiosas*, falam em nome de algum governo ou entidade, mas sem a devida autorização e ainda as *independentes*, que não mantém vínculos com o poder instituído. Ele ainda apresenta as fontes *primárias*, responsáveis pelo fornecimento de informações essenciais para a produção da notícia e as *secundárias*, consultadas

para a preparação que antecede o processo. Acrescentam-se ainda as *testemunhas*, que tiveram acesso aos fatos citados e os *experts*, fontes que contribuem para a elucidação mais técnica destes fatos.

A partir desta classificação, é possível pensar que a prática profissional não prescinde de nenhum tipo de fonte, cada uma pode e deve ser utilizada em determinadas situações específicas. A questão que se coloca, portanto, é a dosagem desta utilização. Ao privilegiar, por exemplo, fontes oficiais corre-se o risco de mostrar somente uma das versões do(s) fato(s). Outro problema é a utilização das chamadas fontes viciadas. Ao avaliar as matérias por alguns dias seguidos é fácil identificar que muitas editorias recorrem, com certa constância, às mesmas fontes<sup>4</sup>. Outro problema relaciona-se com a chamada fonte especializada (*expert*), utilizada, muitas vezes, com o intuito de referendar determinada visão e assim tentar mostrar imparcialidade na cobertura da mesma. Recurso esse que, em alguns casos, acaba encobrindo uma determinada visão que o próprio meio defende. Outra questão refere-se ao uso de fontes *off de record*, que não são identificadas ao longo do texto. O uso excessivo deste último recurso pode mascarar algum interesse comercial ou ideológico por parte da empresa ou até mesmo por parte do profissional.

Outra questão que está diretamente relacionada a discussão sobre as fontes, refere-se a cadernização dos jornais. O que se observa é um tratamento desigual das editorias, já que o setor de política e economia tem prioridade em detrimento de outros fatos ou demandas sociais. E, nestes casos, prevalecem os entrevistados oficiais, geralmente ligados a funções do poder executivo, ou até mesmo da oposição quando o intuito é polemizar, além de empresários e presidentes de entidades ou instituições.

Também não se percebe uma preocupação com a formação do jornalista da chamada área de geral ou cidades. A relevância da questão social é determinada por fatos episódicos e não por uma cobertura permanente. Dentro deste contexto a fonte anônima geralmente acaba tendo espaço no entorno da chamada editoria geral (Cidades, Cotidiano), entretanto o que se percebe é a sua

---

<sup>4</sup> Em pesquisa realizada com as matérias na editoria de política das 21 edições da revista Veja entre janeiro e maio de 2004, os pesquisadores Dennis de Oliveira e Marta Regina Maia (2006) constaram a inexistência de equilíbrio e diversificação das fontes nas matérias analisadas.

presença mediada por assuntos gerados a partir da lógica sensacionalista que impulsiona a audiência.

Vale a pena citar um levantamento feito pelo ex-ombudsman da Folha de S. Paulo, Marcelo Beraba, ao deixar a sua função, após três anos de mandato sucessivo, em março de 2007. Ele mostrou os temas mais recorrentes no jornal entre 2004 e 2006. A cobertura da área de geral, que a Folha denomina “Cotidiano”, exemplifica a discussão levantada até o momento.

Dois grandes blocos perderam espaço em **Cotidiano** -saúde e educação- e um terceiro se manteve no mesmo nível -violência e criminalidade. A queda maior é em educação, e foi contínua: 1.296 textos em 2004, 1.076 em 2005 e 844 em 2006. (...) O noticiário de violência, no entanto, permaneceu estável, com mais ou menos o mesmo espaço (5.050 textos nos três anos) de saúde (5.149) e com bem mais espaço que educação (3.216). Há dois aspectos notáveis em 2006 em relação a 2002: a explosão de textos sobre o PCC (de 30 textos para 1.405), explicada pelos ataques organizados a partir dos presídios, e a maior presença de notícias com enfoque em segurança pública (528 para 1.144). Uma lupa na cobertura de favelas: de 712 textos levantados que tinham favela como palavra-chave, 72% a associavam a morte, violência, assassinato, tráfico e outros crimes. (Beraba, 2007)

Neste mesmo texto, o ex-ombudsman da Folha apresenta as fontes mais utilizadas por editorias, sendo que dois nomes têm destaque absoluto; no caso da editoria de Brasil e Dinheiro, Lula, e no caso da Internacional, Bush. Nas demais editorias não há nomes tão “onipresentes” quanto estes, mas de todo modo prevalecem as fontes oficiais. No caso da editoria de Cotidiano, os cinco primeiros são políticos de São Paulo - José Serra, Geraldo Alckmin, Marta Suplicy, Gilberto Kassab e Cláudio Lembo - e, em seguida, vem Suzane von Richthofen, condenada pelo assassinato dos pais em 2002.

Percebe-se então os limites da grande imprensa em tratar os diferentes aspectos sociais. O ofício de reportar a realidade é reconfigurado a partir de uma ótica instrumental, sem a preocupação em traduzi-la de maneira diversificada.

Se a base da sociedade é a relação mercantil, então o que se observa, muitas vezes, é a transposição desta relação também no processo de transmissão de informações. A fonte passa a ser vista somente como uma mera “passadora” de informações, suficiente, muitas vezes, para produzir os caracteres necessários de uma pauta já pré-estabelecida de uma matéria já definida a priori. (Maia, 2006, p.139)

A preocupação com a pluralidade das fontes representa um passo importante no sentido de se construir narrativas que consigam se aproximar um pouco mais da tessitura complexa do real e ainda subverter o discurso



hegemônico da produção jornalística.

### **Reportagem em questão**

A reportagem difere da notícia por ampliar o simples relato para uma dimensão contextual (Lima, 1978, p.24). Atualmente não se verifica muitos esforços no sentido de expandir esta prática nas diversas redações, pois isto implica em dispêndio de recursos financeiros por parte das empresas que não estão dispostas a realizar tais investimentos. Essa questão, entretanto, quando analisada a partir da produção das revistas, ganha um pequeno fôlego, afinal por causa da periodicidade, em geral, semanal, a perspectiva é que estas dediquem um maior espaço para a produção de reportagens, já que a revista não pode somente apresentar um resumo dos acontecimentos para seus leitores, que já tiveram a possibilidade de acompanhar os desenrolar dos fatos durante a semana.

Tomando como ponto de partida a noção de que a reportagem vai além do mero resultado textual, imagético e sonoro, e avaliando o aspecto estrutural da mesma, pode-se afirmar que existe uma articulação “do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura)”. (Melo, 1985, p.48)

Os pesquisadores Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, ao discutirem as técnicas de produção de reportagens, evidenciam o aspecto da narrativa no jornalismo, que diferente da ficção, é produzida a partir da realidade factual. Eles apresentam as principais características de uma reportagem: “a) predominância da forma narrativa; b) humanização do relato; c) texto de natureza impressionista e d) objetividade dos fatos narrados” (1986, p.15). Dependendo da natureza da reportagem um ou outro aspecto aparece com mais evidência.

O que ocorre, muitas vezes, é a supremacia do mito da objetividade que sacraliza o papel do jornalista com mero mediador do que seria o real e assim a fonte aparece poderosa, isenta de qualquer subjetividade. O chamado jornalismo declaratório se exime da responsabilidade, já comentada

no tópico acima, de construir o real de maneira contextual e assim realizar a “dialogia dos sentidos” (2003, p.56) tão bem apontada por Cremilda Medina.

O que humaniza a apuração não é apenas a presença de personagens singulares ou a produção de perfis aparentemente aprofundados, de acordo com Luiz Costa Pereira Junior (2006), mas é, acima de tudo, a capacidade de “resistir à tentação de estandarizar ou precipitar análise sobre uma pessoa – mas, o que é mais complicado, não reduzir os significados possíveis que retratamos na história” (2006, p.96). Essa redução tem uma associação muito direta com quem irá produzir este relato, preocupação constante dos trabalhos de Cremilda Medina<sup>5</sup>.

Ao discutir o papel do discurso jornalístico contemporâneo, Fernando Resende aponta que a mídia, com o seu amparo institucional e por intermédio de seus objetos que “produzem falas, constitui-se como uma instância fundamental, porque certamente reguladora e mantenedora de um *status quo* que visa à ordenação dos fatos que tecem nossas relações sociais”. (2007, p.3) A alteração deste *status quo* pode ser rompida, senão estruturalmente, mas conjunturalmente como será visto a seguir.

## Revista *Brasileiros*

A revista *Brasileiros*, cujo diretor de redação é Hélio Campos Mello, apresenta-se em seu primeiro editorial como uma “revista plural” e elenca seus personagens:

Qualquer morador do Brasil, qualquer brasileiro fora do País, qualquer um que tenha uma boa história para contar nos interessa. Célebre ou anônimo, bonito ou feio, rico ou pobre, alegre ou triste, morador dos Jardins, de Ipanema ou dos grotões, conservador ou revolucionário. Nós iremos atrás de cada um deles para trazer o Brasil até você. (*Brasileiros*, ed. nº 1, 2007, p.7)

Nota-se, neste trecho uma tentativa de buscar as vozes silenciadas do espaço midiático, ao considerar o relato “boa história” citado acima, acaba rompendo com a estrutura gramaticalizada a partir da prática normativa das grandes redações<sup>6</sup>. Mais

<sup>5</sup> Ver especialmente *O signo da relação: Comunicação e pedagogia dos afetos* (2006) e *A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano* (2003).

<sup>6</sup> Um contraponto interessante pode ser feito com o texto promocional da revista *Veja*, veiculado no site da revista, que em certo ponto afirma que a *Veja* publica “reportagens que antecipam e explicam as grandes questões do Brasil e do mundo”. (ver Referências Bibliográficas)

especificamente é possível dizer que *Brasileiros*, ao menos como objetivo, propõe-se a fugir da rotina das pautas definidas pelos valores-notícia mais presentes.<sup>7</sup> Ao desconsiderar a codificação da prática profissional, a revista abre espaço para “fatos não-marcados” (Sodré, 2009, p.76). Na acepção de Muniz Sodré estas narrativas não significam fatos sem importância social, mas “sim fatos não imediatamente relevantes para o *cânone da cultura jornalística*”.<sup>8</sup> (2009, p.76)

Ao analisar o primeiro ano da publicação, a proposta deste trabalho é justamente verificar se a revista, ao menos nesse período, conseguiu fugir do tradicional eixo Rio-São Paulo-Brasília, que é triângulo preferido de cobertura dos meios convencionais de comunicação, se as fontes utilizadas retratam este perfil plural que a revista pretende seguir e se as narrativas extrapolam a rotina produtiva do campo jornalístico.

Ao trabalhar com um método quali-quantitativo, procurou-se observar, como indica Teresa Maria Frota Haguette (1995), as especificidades do fenômeno em questão e as possibilidades comparativas proporcionadas pela análise do objeto em foco.

Para efeito de validação dos dados, em primeiro lugar foi feita uma aferição generalizada em todas as edições; do ponto de vista das fontes independentes, as oficiais, as oficiosas e as de especialistas, ainda com a indicação do recorte geográfico das matérias com chamadas de capa. Em um segundo momento, foram escolhidas quatro revistas para análise mais detida, com a utilização das categorias de fontes definidas por Nilson Lage (2001), com destaque para as “independentes”.

A leitura atenta de todas as edições da revista evidencia que esta consegue fugir do círculo vicioso da chamada grande imprensa e mostrar uma diversidade de fontes, suprindo, portanto, o aspecto da presença de desconhecidos em suas páginas. Vale acompanhar, a seguir, a tabela que explicita as 12 matérias com chamadas na capa, todas acompanhadas de

---

7 Para uma discussão mais aprofundada sobre este assunto ver TRAQUINA, Nelson, *Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*, vol. II, Florianópolis: Insular, 2005.

8 Vale acrescentar que estas narrativas, embora desconsideradas pela marcação (pauta) da grande mídia, ainda segundo Muniz Sodré (2009), aparecem em veículos alternativos ou em publicações de maior periodicidade, consideradas “de qualidade”.

fotografia.

### Chamadas de capa da revista *Brasileiros* (Tabela 1)

	Manchete	Indep.	oficiais	oficiosas	espec.	Recorte geográfico principal
Edição nº 1 (Julho 2007)	Preconceito: uma praga que divide o Brasil	11*	5		1	São Paulo Bahia
Edição nº 2	Esta cena está próxima de extinção	1	1		1	Pará
Edição nº 3	William Waack: Profissão repórter**	1				indefinido
Edição nº 4	José Simão: buemba!Buemba!**	1				indefinido
Edição nº 5	Jovens: o que eu quero	6			3	São Paulo
Edição nº 6	De bem com a vida (entrevista com Lula) **	1				indefinido
Edição nº 7	O verão de Cristina e Janaína **	5	2			Antártica
Edição nº 8	Em busca do Sertão de Rosa	5				Minas Gerais
Edição nº 9	“Esse gringo é muito burro” ***					indefinido
Edição nº 10	Além da calçada	9	1	1		RJ/SP/Espírito Santo/Piauí
Edição nº 11	Dois Magos**				1	indefinido
Edição nº 12 (julho 2008)	Tão forte quanto a dor***					indefinido

\* Importante ressaltar que neste caso específico, algumas fontes têm seus nomes preservados por terem participado de uma pesquisa qualitativa da revista em conjunto com o Ibope.

\*\* Reportagem de perfil.

\*\*\* Por se tratar de artigo autoral não há entrevistados.

\*\*\*\* Embora seja chamada de capa, com foto, estranhamente é um artigo assinado, sem entrevistados.

Vale ressaltar que as chamadas principais da capa (Tabela 1) não denotam claramente o conteúdo das matérias, mas pode-se afirmar que a maioria absoluta pode ser definida como narrativas humanizadas, que primam por aspectos de interesse humano em seu desenvolvimento, com a pouca presença de fontes oficiais e oficiosas, mas ainda mantêm a predominância da localização geográfica de São Paulo.

Após a leitura geral da revista, propõe-se agora a uma análise de quatro matérias, veiculadas nas edições de número 3, 6, 9, 12, duas pares e duas ímpares, escolhidas aleatoriamente neste período em estudo.

## Reportagens em destaque (Tabela 2)

	Título	Independentes	Demais fontes	Localização geográfica
Edição nº 3	A república livre dos estudantes pobres da USP	5	1	São Paulo
Edição nº 6	É guerra, é festa	5		Goiás
Edição nº 9	Cena brasileira. Apolinário, um brasileiro	1		Minas Gerais
Edição nº 12	Lampião: 70 anos da morte de uma lenda	5	2	Sertão do Nordeste (AL/SE)

A primeira matéria em questão, “A república livre dos estudantes pobres da USP” (Tabela 2), apresenta o modo como vivem os estudantes de baixa renda no Crusp, Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo. A moradia estudantil, em funcionamento desde 1960, conta com sete blocos de apartamentos e hoje abriga cerca de 2 mil jovens.

A reportagem, que prioriza os moradores do Crusp, é contada em primeira pessoa pela repórter Marina Amaral, com o método de observação participante, descrevendo com detalhes a rotina de alguns estudantes da moradia universitária. Como o foco da matéria é o cotidiano destes, a única fonte oficial entrevistada é o dirigente da Associação dos Moradores do Crusp.

A segunda reportagem em questão refere-se a uma festa de origem ibérica, secular, que teve início em 1750, logo após a implantação, em Portugal, pela rainha Isabel. As cavalhadas, denominação desta festa popular, mobilizam praticamente toda a pequena cidade de Corumbá de Goiás, localizada a 105 quilômetros de Goiânia. Também com caráter humanizado, a repórter Érica Rodrigues mergulha no “imaginal” da vida cotidiana, como diria Michel Maffesoli (1984), tentando mostrar a paixão que move centenas de pessoas em três dias de apresentações entre mouros (vermelhos) e cristãos (azuis), como se dois times se enfrentassem, mas sempre com o resultado já definido de antemão. Sempre vitória dos cristãos.

A terceira matéria é um exemplo típico da polissemia cultural brasileira. Muitas pessoas interessantes habitando estas terras brasileiras, como Apolinário Custódio Dias, 86 anos, que vende fumo de corda à beira da Estrada Real, a caminho de São João Del Rey. Escrita pelo veterano Ricardo Kotscho,

com fotos de Hélio Campos Mello, outro antigo fotógrafo brasileiro e atual diretor da revista, a matéria de perfil mostra a vida deste homem, que nunca foi “empregado de ninguém nem um dia” e um aposentado, segundo o repórter, que não reclama da vida.

A quarta reportagem narra histórias e lembranças dos antigos seguidores de Lampião. Escrita e fotografada por um casal que há mais de 15 anos busca histórias pelo interior do Brasil, Heitor Reali e Silvia Reali, recupera, sem preconceitos, um pouco do que representou a vida no cangaço para alguns dos seguidores de Lampião. Os personagens entrevistados dão vida a um período de revoltas em uma região dominada pelo coronelismo. As duas outras fontes foram o historiador e prefeito de Piranhas (AL) e a neta de Lampião, responsável pelo projeto “Memorial do Cangaço”, ainda em fase inicial.

A partir desta descrição inicial pode-se inferir que a máxima da revista, que pretende fugir do eixo São Paulo-Rio-Brasília, ao menos nestas matérias, concretiza-se ao abrir espaço para outros lugares deste vasto país. Ela ainda consegue fugir das pautas tradicionais das revistas que privilegiam o ambiente macroeconômico e político e consegue mostrar um Brasil por intermédio de fontes mais diretas, sem a marca da representação institucional, que muitas vezes filtra a realidade mostrando-a somente por um prisma.

Esta narrativa pode e deve ser mostrada de maneira transparente, pois se o entorno da matéria é apresentado ao leitor, configura-se uma espécie de negociação de sentidos, que pode traduzir de maneira mais amplificada o real. Um exemplo pode ser buscado no século XIX, na fala de Anton Tchêkhov, que resolveu empreender uma viagem por uma ilha de deportados em pleno império tsarista com o intuito de relatar a situação de penúria dos presos daquela região: “O que você diria de um repórter que, por repulsa ou pelo desejo de satisfazer os leitores, descrevesse apenas prefeitos honestos, damas sublimes e ferroviários virtuosos?” (2007, p. 152). Se o jornalista tem como referência o deslocamento, a presença física sempre que possível, apresenta mais condições de retratar este real de maneira mais precisa, mais fidedigna e, paradoxalmente, mais plural. As marcas dos jornalistas que produziram estas matérias não somem nas narrativas apresentadas. Fruto da observação participante, elas aparecem não

só na angulação da pauta, mas sobretudo nestas matérias mais plurais.

As demais matérias traduzem as principais características apontadas por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) na produção de reportagens, com relatos humanizados, textos impressionistas, com relativa objetividade e precisão dos fatos relatados.

### **Considerações Finais**

O jornalismo comporta a presença de novos protagonistas. Ao se pensar no leitor não só como um consumidor, mas também como um cidadão, a narrativa ganha em qualidade e inclusive pode atrair mais leitores. A reportagem pode assim contribuir para amplificar visões e situações que até então se encontravam invisíveis do grande público, pode “descobrir essa trama dos que não têm voz, (...) recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional”. (Medina, 2003, p.52).

Ao narrar a realidade de maneira mais plural e humanizada pode ainda dar vida e sentido aos fatos para uma sociedade muitas vezes perdida diante do caos dos acontecimentos. Como destaca Tzvetan Todorov, “a narrativa é igual à vida; a ausência da narrativa, à morte”. (1979, p.128).

As reportagens da revista *Brasileiros* permitem ao leitor viagens para lugares desconhecidos, sendo que ao final da leitura este fica com a impressão de ter estado pessoalmente no espaço retratado. É preciso que se fale, entretanto que nem todas as matérias rompem com a gramática normativa do jornalismo vigente, até porque a necessidade da vendagem e a falta de recursos dificultam esse rompimento, mas não impedem certa ousadia jornalística, como a transparência que surge nos relatos, por exemplo, do jornalista Ricardo Kotscho. Neste caso, vale a pena um parêntese com o intuito de salientar o trabalho realizado por este profissional na revista, que inclusive tem a função de diretor adjunto. Em boa parte de suas matérias (em todas as edições há pelo menos uma) é dada ao leitor a possibilidade de conhecer os meandros da reportagem, ou seja, o receptor tem o direito de acesso ao processo de produção da informação. Em uma época que se discute o direito à comunicação com um

dos elementos essenciais para a ampliação da cidadania, este aspecto é particularmente salutar.

Outras matérias da revista que não foram objeto de análise também merecem ao menos ser citadas, como um texto produzido por Frei Betto (2008, ed. nº 7, pp.66-68) cujo título é relevante para o tema em questão: “Heróis anônimos – Vidas que valem a pena”. Sete brasileiros são mostrados como exemplos de valores como a honestidade, a ética e a solidariedade.

Destaque ainda para o ensaio fotográfico de Cristiano Mascaro (2007, ed. nº 2, pp.100-109) com fotos de desconhecidos que praticamente não aparecem nos grandes meios. Cada uma das oito fotos (uma por página) conta com uma legenda em que o fotógrafo explica o contexto da produção. O olho do ensaio descreve que “eles são personagens anônimos, captados em seu cotidiano pelo olhar do fotógrafo (...) Reunidos, formam um belo painel de gente comum, de brasileiros”. Os sotaques diversificados que compõem a linguagem deste imenso território chamado Brasil, ganham, nas páginas da revista, espaço qualificado. Mesmo com a restrição da periodicidade, no caso mensal, percebe-se a tentativa de abertura geográfica e humana para as muitas vozes existentes na sociedade.

A linguagem utilizada, portanto, extrapola o simples papel de “transmissora” e acaba se tornando uma rede de sentidos como tão bem mostra Patrick Charaudeau ao asseverar que “a linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, (...). Trata-se da linguagem enquanto ato de *discurso*, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido”. (2006, p.33-34)

A sensualidade da narrativa, no sentido de ativar percepções sobre a experiência humana, segue na contramão da produção jornalística convencional, preocupada em reproduzir o discurso dos vencedores, na acepção benjaminiana (1996), e mostra-se em uma dimensão mais sensível, “mais *perceptiva* do que intelectual”, nas palavras de Muniz Sodré (2009, p.70). Esta imersão do repórter no real, especialmente pelo método da observação participante, mostra que outro jornalismo é possível, que uma mediação mais atuante do jornalista constrói um real mais vivo e dinâmico, um pouco mais distante da burocracia jornalística hegemônica.



## Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas 1: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KAPUSCINSKI, Ryszard. *Ébano: minha vida na África*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: 2001.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4ª ed. Barueri/São Paulo: Editora Manole, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MAIA, Marta R. “A história oral como recurso metodológico na entrevista jornalística”. In *Contracampo: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação*. Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF, 137-150, 2006.
- MAIA, Marta R.; OLIVEIRA, Dennis de. “Revista Veja: o temor como mecanismo conservador na esfera pública midiaticizada”. In *Revista de Comunicação e Cultura*. Piracicaba: Revista do Grupo de Pesquisa Processos Mediáticos e Culturais, p. 11-32, 2006.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Contra a banalização da violência. A recuperação produtiva do passado como garantia contra a barbárie do futuro*. Disponível em: [http://www.martamaia.pro.br/cultura\\_banalizacao.asp](http://www.martamaia.pro.br/cultura_banalizacao.asp). Acesso em 20 jan 2009.
- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O signo da relação: Comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus, 2006.
- MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- MUNIZ, Sodrê. *A narração do fato: Notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. MUNIZ, Sodrê; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- RESENDE, Fernando. *O discurso jornalístico no contemporâneo entre o velamento e a produção das diferenças*. Trabalho apresentado no XVI Encontro da Compós, em Curitiba, PR, 2007.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*, vol II, Florianópolis: Insular, 2005.
- TCHÉKHOV, Anton Pávlovitch. *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações: como fazer uma reportagem*. São Paulo: Martins, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

### **Revistas e Jornais**

BERABA, Marcelo (ombudsman). *O foco da Folha*. Folha de S. Paulo, 25 de março de 2007.

BRASILEIROS, Revista. Edições nº 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12. São Paulo: Brasileiros Editora Ltda, junho de 2007 a junho de 2008.

VEJA, Revista. Disponível em: <http://www.assineabril.com.br/index.jsp?projeto=901&origem=sr/veja>. Acesso em 10 fev 2009.